

# Tempo repentino e tempo alargado: a memória nas poesias de Jorge de Sena e Sophia M. B. Andresen

(Ana Gaspar, Maio de 2011)

---

## I

Tempo e poesia encontram-se. A poesia toca sempre o tempo mesmo que dele não fale. Para os poetas, o tempo não é objectividade matemática, nem compreensão física, também não é conceito filosófico. Quando lemos um poema e nos deixamos levar por ele, vivemos um fenómeno temporal íntimo. Às vezes parece que somos acometidos por um assalto, outras, por uma espécie de dilatação. Ambas as experiências correspondem a um modo de viver o tempo que nos atira para fora da sequência cronológica da existência e da causalidade linear dos acontecimentos que nela se passam. É um tempo que não pode ser categorizado nessa ordem que é o relógio da vida. Mas é um tempo de vida, pois ele liga acontecimento e memória e re-liga dois destinos poéticos: o dos voos infinitos e o das raízes profundas. Os poetas parecem cumprir este preceito e fazem-no de maneira especialmente diáfana quando falam justamente do tempo nas suas poesias.

Jorge de Sena e Sophia de Mello Breyner Andresen também tocam o tempo e oferecem-nos essa experiência do tempo vivido. Nas suas vozes, o tempo é apreensível de modo profundo e imediato, sempre de modo inteiro, todo, tudo. Perante as imagens poéticas destes dois autores, somos tomados, num rasgo de vida, pelo tempo de toda uma vida, pelo tempo da nossa própria vida, pelo tempo em que tudo está presente, mesmo que seja a presença do que não está lá. É, talvez por isso que, perante essas imagens poéticas, há um reconhecimento que se desperta em nós. Mas esse reconhecimento é acordado de modo diferente num e noutra poeta. As poesias de Sena e Sophia são diferentes, visceralmente antagónicas, intimamente complementares. Em Sena, apreendemos o tempo numa espécie de súbito, em Sophia, numa espécie de dilatação. Tentaremos examinar a relação entre os dois autores com base nos dois poemas: *De passarem aves* (Sena) e *Intacta memória* (Sophia).

## II

“... *De passarem aves*” (À memória de Sá de Miranda)

Sena dedica o seu poema à memória de Sá de Miranda, poeta do séc. XVI, que se entregou a uma contemplação recolhida e desperta da natureza, porque optou por abdicar da vida mundana e social da sua época: a inclusão na corte do Rei e nos seus dramas relacionais. O poema deste autor: *O sol é grande, caem co'a calma as aves* – que parece ter sido aquele que Sena elegeu para a sua dedicação - contempla as aves, esses grandes mestres das transições cíclicas que seguem os fluxos das estações. Começa assim Sá de Miranda:

*O sol é grande, caem co'a calma as aves,  
do tempo em tal sazão, que sói ser fria;*

Estes fluxos, tão versáteis e tão regulares, reflectem a consciência do tempo. É a consciência do anseio pela mudança e pela renovação:

*ó cousas, todas vãs todas mudaves,  
qual é tal coração qu'em vós confia?  
Passam os tempos vai dia trás dia,  
incertos muito mais que ao vento as naves.*

Mas é ainda a consciência de que o sentimento é uma represa desse fluxo, porque enquanto tudo passa, a dor - que lembra e deseja – mantém-se inalterada, sem cura:

..  
*Eu vira já aqui sombras, vira flores,  
vi tantas águas, vi tanta verdura,  
as aves todas cantavam d'amores.*  
.  
*Tudo é seco e mudo; e, de mestura,  
também mudando-m'eu fiz doutras cores:  
e tudo o mais renova, isto é sem cura! cura!*

Esta consciência é, afinal, a consciência de que tudo é tão incerto. É neste sentido que Sena retoma a imagem poética de Sá de Miranda: as aves que passam e tudo o que canta com elas. São as aves que assinalam a regularidade de mais um Verão e que lembram que a passagem do tempo é inatingível:

*Das aves passam as sombras,  
um momento, no chão, perto de mim.  
no tardo Verão que as trouxe e as demora,  
por que beirais não sei  
onde se abrigam piando  
como ao passar chilreiam*

E Sena apreende o momento das aves que voam, como uma efemeridade, como um tempo de duração mínima, quase instante:

*Um momento só. Rápidas voam!*

Mas a consciência do tempo não é só a consciência do tempo que passa, é também a consciência do que fica, do que vive, do que se quer ficar, do que se quer viver, da memória:

*E a vida em que regressam de outras terras  
Não é tão rápida: fiquei olhando  
As sombras não, mas a memória delas,  
das sombras não, mas de passarem aves*

A memória não é reflexo, nem sombra; ela é acontecimento, mas o tempo não se agarra, não acontece: já aconteceu.

### III

*“Intacta memória”*

Sophia dilata o tempo. Tudo passa, mas o que fica é inteiro, é intacto, é memória:

*Intacta memória – se eu chamasse  
Uma por uma as coisas que adorei*

*Talvez que a minha vida regressasse  
Vencida pelo amor com que a lembrei*

Sophia mostra como o mundo das coisas concretas faz acordar um outro mundo: um mundo interno e que participa na contemplação do real com uma largueza que se amarga, e também, se ilumina (Paisagem):

*Passavam pelo ar aves repentinas,  
O cheiro da terra era fundo e amargo*

...

*Era o livre e luminoso chamamento  
Da asa dos espaços fugitiva.*

...

*A sua quietude, secretamente viva,  
E a sua exaltação afirmativa.*

A observação do mundo é a observação das coisas simples, e estas são possuidoras de uma riqueza profunda. Não é só, então, a observação do mundo. É o deixar-se observar a partir das coisas. E tudo acontece lentamente, longamente (O jardim e a noite):

...

*Só o vento passou pesado e quente  
E à sua volta todo o jardim cantou  
E a água do tanque tremendo  
Se maravilhou  
Em círculos longamente*

O tempo também é instante, mas é instante demorado, é eterno, porque é amor conciliador (Poesia II):

...

*Se tanto me dói as coisas que passam  
É porque cada instante em mim foi vivo  
Na luta por um bem definitivo  
Em que as coisas de amor se eternizassem*

Em Sophia, o tempo é movimento reparador entre o mundo e o viver o mundo. O mundo interno expande-se sobre o olhar do mundo externo e a memória evoca o amor pela vida que chama, que recupera, que liga e que unifica.

#### IV

Sena e Sophia falam-nos do tempo como consciência da vida, do ser existente em cada instante, em cada coisa que viveu. São poesias de movimento porque o tempo obriga a paragens e a deslocamentos, a retornos e a migrações. E a memória dá-lhes um nascimento e dá-lhes um destino.

Como já tinha evocado Sá de Miranda no séc. XVI, o tempo produz uma perturbação: a de que o tempo não pode ser tomado, nem controlado. Mas esta perturbação é vivida de modos diferentes para Sena e para Sophia. Em Sena, o tempo é momento, é duração mínima e a memória não se deixa enganar pelas sombras apesar de acompanhar sempre a efemeridade. Para Sophia, o tempo dilata-se na memória porque a memória é chamamento afectivo: as coisas não voltam, mas é o amor que as evoca.

Parece haver dinamismos poéticos antagónicos: Em Sena as coisas passam-se fora, para fora; em Sophia tudo se passa dentro, para dentro. Sensação, para Sena; sentimento, para Sophia; Para Sena o tempo é súbito, é repentino; Para Sophia o tempo é alargado, é dilatação. A memória é tempo vivido como uma espécie de luta: Para Sophia é uma vitória que perdura porque se deixa acolher pelo amor:

*Vencida pelo amor com que a lembrei*

Para Sena é uma conquista, uma vontade (Ocaso):

*Quero lembrar-me reconquistando mais tempo.*

Alma de caçador que dirige a tensão do arco no momento de atirar, em Sena; alma de *maternage* que acolhe e pacifica o que encontra no mundo, em Sophia. O tudo momentâneo, para Sena; o todo espraído, para Sophia.

As poesias de Sena e Sophia são antagónicas porque parecem dizer que, ou conquistamos os momentos, ou acolhemos os momentos. No entanto, elas também são complementares porque, às vezes, queremos agarrar o presente mas nunca o apanhamos, vem a memória e dá cabo de tudo; outras vezes, queremos acolher o passado, mas nunca o conseguimos porque esse “todo” não passa de memória. Resta-nos a vontade de conquistar cada momento e o amor com que recordamos o que passou.